

Madrigais Camonianos

CORO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



GIOACHINO ROSSINI
CAMILLE SAINT-SAËNS
FRANCISCO DE LACERDA
LUÍS DE FREITAS BRANCO
EURICO CARRAPATOSO

© BRUNO SIMÃO

8 NOV · 19H

Academia das
Ciências de Lisboa

9 NOV · 16H

Palácio Nacional
de Mafra

16 NOV · 19H

Palácio Nacional
de Sintra

29 NOV · 19H30

Igreja de
São Roque, Lisboa

30 NOV · 18H30

Teatro Virgínia,
Torres Novas

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos



Madrigais Camonianos

Apresentação pela musicóloga Isabel Pina

Gioachino Rossini (1792-1868)

Quartetto pastorale

I gondolieri

La passeggiata

Camille Saint-Saëns (1835-1921)

Deux choeurs, Op. 68

Francisco de Lacerda (1869-1934)

Amar

Luís de Freitas Branco (1890-1955)

Doces lembranças

Qual tem a borboleta

No mundo

Num bosque

Eurico Carrapatoso (n. 1962)

Vita brevis, Op. 67

Quatro cantos do mundo [estreia, encomenda TNSC]

Kodo Yamagishi *Piano*

Giampaolo Vessella *Direção musical*

Coro do Teatro Nacional de São Carlos



Quatro cantos do mundo

N.º 1 – Ásia (Ramelau – Timor)

Este é um tema popular da região de Lakluta, localizada nas montanhas de Dilor e que foi um dos principais pontos da resistência timorense ao invasor indonésio. Lakluta é uma zona onde se fala o Tétum clássico (o Tétum é a língua falada pelo povo de Timor, sendo a língua de contacto entre diferentes etnias).

*Lilo eh! Lilo na noi leki tae oh.
Male'on fá feto manu
Xiku fá fun tá; Hele lé ole lá oh!*

A jovem moçoila estava solteira.
O homem que vi casar com ela
Não tem nem uma pena de galo!

N.º 2 – América (Maranhão – Brasil)

Este poema foi escrito em 1871 por Maria Firmina dos Reis (1825-1917), natural de São Luís do Maranhão, considerada a primeira romancista brasileira. Negra, nordestina, professora, Maria Firmina dos Reis nasceu quando a escravatura ainda estava legalizada no Brasil. Foi a primeira mulher a ser aprovada para o cargo de professora do ensino primário no Maranhão, tendo alcançado tal feito aos 25 anos (1850). Pioneira na literatura afro-brasileira e de uma narrativa abolicionista, denunciou a subalternização da mulher e das pessoas negras escravizadas. Um exemplo de dignidade e de postura imperturbável, ficou conhecida por nunca ter levantado a voz a um aluno durante o seu longo magistério.

Ela!
(A pedido)

Ela! Quanto é bela, essa donzela,
A quem tenho rendido o coração!
A quem votei minh'alma, a quem meu peito
Num êxtase de amor vive sujeito...
Seu nome!... não – meus lábios não dirão!

Ela! minha estrela, viva e bela,
Que ameiga meu sofrer, minha aflição;
Que transmuda meu pranto em mago riso.
Que da terra me eleva ao paraíso...
Seu nome!... Oh! meus lábios não dirão!

Ela! virgem bela, tão singela
Como os anjos de deus. Ela... oh! não,
Jamais o saberá na terra alguém,
De meus lábios, o nome que ela tem...
Que esse nome meus lábios não dirão.

N.º 3 – África (Bié – Angola)

Este tema tradicional é um espiritual M'bundo da região de Bié, Angola.

*Tussyyay N'gala Jusu
Kumne lo vangelo,
Y'aleluya!*

Louvemos o Senhor Jesus grandioso
Com o Evangelho,
Aleluia!

N.º 4 – Todo o Alentejo deste mundo

Este tema popular foi colhido por Fernando Lopes-Graça e editado no seu livro *A canção popular portuguesa* publicado naquele Maio quente de 1974. Livro de mesinha de cabeceira, sempre à mão de semear.

Ó Serpa, pois tu não ouves
Os teus filhos a cantar,
Enquanto os teus filhos cantam,
Tu, Serpa, deves chorar.

Aqui tens meu coração,
Se o queres matar, podes;
Olha que estás dentro dele,
Se o matas, também morres.

Mora aqui a nostalgia do tempo mítico da planura. Aqui decantei o maior de todos os sóis, o sol alentejano a resplandecer, assim vagaroso, no seu arco descendente.

Esta obra resulta de uma encomenda do Teatro Nacional de São Carlos para a comemoração do octogésimo aniversário do seu coro e que lhe vai dedicada.

E. Carrapatoso

Num concerto por ocasião dos 500 Anos do Nascimento de Luís Vaz de Camões (1524), os Madrigais Camonianos, de Luís de Freitas Branco, dão o mote para um programa que abre a cortina para a singeleza da peça Amar, de Francisco de Lacerda, e para a estreia de Quatro cantos do mundo, de Eurico Carrapatoso, que, numa perspetiva bem distinta, convoca também a ideia da viagem, que Camões immortalizou na sua epopeia Os Lusíadas.

O concerto inicia-se com obras corais de Gioachino Rossini (1792-1868). Tendo-se dedicado sobretudo ao género operático, com obras que permaneceram no repertório canónico até aos nossos dias, no domínio coral destacam-se o *Stabat Mater* e a *Petite messe solennelle*, a par com uma série de cantatas, hinos e os seus *Péchés de vieillesse*. Estes «pecados de velhice» é uma recolha de 150 peças de carácter intimista, para vozes, piano ou *ensembles* camerísticos, agrupadas em catorze álbuns, escritos parcimoniosamente entre 1857 e 1868. Apresentados nos sofisticados serões musicais que promovia na sua *villa* de Passy, neles incluem-se *I gondolieri* e *La passeggiata*, dois «*quartettini*» para soprano, contralto, tenor e baixo, com acompanhamento de piano, a que acresce neste programa o inspirado *Quartetto pastorale* a um trato lírico e heroico.

O encontro com Rossini é fundador no percurso de Camille Saint-Saëns (1835-1921): a divulgação da sua música nos seus serões, o reconhecimento imediato do seu talento e a admiração mútua integram a biografia

de ambos os compositores. Um verdadeiro polímata, Camille Saint-Saëns (1835-1921) distinguiu-se como compositor, organista virtuoso, pianista, maestro e fundador da *Société Nationale de Musique*. No contexto deste concerto coral, é de referir a sua importante contribuição no domínio da música religiosa e da ópera, onde se conta mais de uma dezena de títulos, de que *Samson et Dalila* é exemplo. *Deux choeurs*, Op. 68, dedicada a Charles Gounod, data de 1882, e é uma obra para quatro vozes mistas com piano *ad libitum*, composta por duas secções: I. «*Calme des nuits*» (referência do grande repertório coral, é caracterizada pelas entradas vocais distintas que fazem emergir a cor tímbrica das várias tessituras); e II. «*Les fleurs et les arbres*» (que se distingue pela homogeneidade rítmica de inspiração polifónica).

A obra do compositor e maestro Francisco de Lacerda (1869-1934) está em grande medida por descobrir. Lacerda cruza a linguagem do Romantismo com os ecos do Modernismo de linhagem francesa, a orientação nacionalista e

a inspiração da música tradicional e popular a cuja recolha se dedicou intensivamente. Viveu entre São Jorge, Lisboa e Paris, onde estudou no Conservatório e na *Schola Cantorum* com Vincent d'Indy; o seu interesse pela música coral, com a qual começou a brilhante carreira de maestro, tem início na experiência parisiense. O poema *Amar* é da autoria de Gonçalves Crespo (1846-1883), poeta e jornalista português nascido no Brasil, e trata-se de uma letra de cariz sentimental, mas de simplicidade popular. Muito possivelmente, a peça teria sido escrita para o coro feminino da associação Pró-Arte, de que Lacerda foi um dos fundadores, numa linguagem próxima das suas *Trovas*.

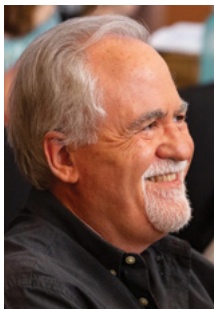
No cerne do programa, os *Dez Madrigais Camonianos*, para coro misto a *capella*, foram compostos entre 1930 e 1943. Encomenda do Gabinete de Estudos Musicais da Emissora Nacional, refletem o interesse de Luís de Freitas Branco (1890-1955) pela polifonia renascentista e pelo neoclassicismo «latino», sendo o primeiro de três ciclos sobre redondilhas e sonetos de Camões. Com grande delicadeza, Freitas Branco infunde, nos seus *Madrigais*, a importância da relação entre música e palavra, próprias do género, e as linguagens cromática e modal. Dos madrigais em programa, «Doce lembranças» assenta na alternância entre secções imitativas e secções homorrítmicas; «Qual tem a borboleta» compara o amor à trágica atração das borboletas pela chama; «No mundo» caracteriza-se pela independência das vozes; e «Num bosque» desenvolve efeitos imitativos que simbolizam o jogo entre a Ninfa e Cupido.

O programa fecha com Eurico Carrapatoso (n. 1962), um dos incontornáveis compositores da atualidade em Portugal. Sobejamente premiado, da sua extensa e eclética obra salientam-se algumas das mais revisitadas páginas corais. Originalmente composta para orquestra e coro feminino, *Vita brevis*, Op. 67, estreou em 2015. A partir de textos do poeta e pintor inglês William Blake (1757-1827),

a peça apresenta-se como uma reflexão, em *chiaroscuro*, sobre a vida e a condição humanas, sob o aforismo de *Vita brevis, ars longa*.

Quatro cantos do mundo, Op. 82, é uma estreia absoluta da versão para coro e piano (original para coro e orquestra), encomendada em 2023, na celebração do 80.º aniversário do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. A obra remete para quatro imaginários geográficos ligados à presença portuguesa e que ainda hoje perpetuam a sua língua e a sua identidade. A «comunidade coral-sinfónica» é aqui metáfora de uma força máxima, numa peça cheia de «de matizes, de contrastes», entre a alegria e a melancolia, que o compositor associa a uma «forma tão portuguesa de ser e de estar». Contudo, *Quatro cantos do mundo* propõe, numa «polissemia de cantos», uma ponte com a história, a cultura e a música dos povos de uma geografia e de um passado colonial remotos, mas onde o compositor faz ressaltar novos heróis. A primeira secção, «Ásia (Ramelau – Timor)» colhe inspiração de um tema popular em tétum («*Lilo eh! Lilo na noi leki tae oh*») da região de Lakluta, nas montanhas de Díli, um dos principais pontos da resistência timorense. A secção n.º 2, «América (Maranhão – Brasil)» baseia-se num poema escrito, em 1871, por Maria Firmina dos Reis, abolicionista e pioneira da literatura afro-brasileira, a primeira mulher negra professora do ensino primário naquele país. De seguida, «África (Bié – Angola)» assenta num alegre tema tradicional angolano, de cariz espiritual, escrito na língua *M'bundo*. Finalmente, a secção n.º 4, «Todo o Alentejo deste mundo», homenageia um tema popular de recolha de Fernando Lopes-Graça. Nas palavras de Eurico Carrapatoso, «mora aqui a nostalgia do tempo mítico da planura. Aqui decantei o sol alentejano a resplandecer, assim vagaroso, no seu arco descendente».

Rosa Paula Rocha Pinto
Musicóloga



Eurico Carrapatoso

Compositor

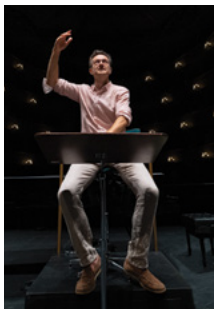
Eurico Carrapatoso nasceu, em 1962, em Mirandela. Foi assistente de história económica e social na Universidade Portucalense. Estudou música com Borges Coelho, Fernando Lapa, Cândido Lima, Constança Capdeville e Jorge Peixinho. Ensinou análise na Escola Superior de Música de Lisboa e na Academia Nacional Superior de Orquestra. Integra o quadro do Conservatório Nacional onde leciona composição, desde 1989. As suas obras têm sido encomendadas e executadas em Portugal e no estrangeiro. Representou três vezes Portugal na Tribuna Internacional de Compositores da UNESCO, realizadas em Paris. Foi reconhecido com vários prémios artísticos, como os Prémios DASCH-Schostakovich, García-Bernalt Universidad de Salamanca, SPA, Eixo Atlântico, Árvore da Vida, Identidade Nacional e as primeiras edições dos Prémios Lopes-Graça e Francisco de Lacerda. É comendador da Ordem do Infante D. Henrique, desde 2004.



Kodo Yamagishi

Piano

Natural do Japão, começou os seus estudos de piano e teoria da música aos 7 anos. Entre 1988 e 2002, viveu em Viena, onde estudou piano, canto e direção orquestral no Conservatório de Viena e na Universidade de Música de Viena. Realizou o seu primeiro recital de piano solo aos 21 anos em Bad Hall. Desde 1997, colabora em produções de ópera e foi assistente da maestrina Agnes Grossmann no «Wiener Sängerknaben». Colaborou em *masterclasses* no «Wiener Musikseminar» com o maestro Ervin Acel e dirigiu concertos com a Orquestra Sinfónica de Oradea na Roménia, na Áustria e em Portugal. A partir de 2002, foi contratado como *Kapellmeister* no Pfalztheater e, desde 2004, é maestro assistente do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. É professor na Universidade de Évora e no Conservatório de Sintra. Em 2009, colaborou no Festival Mozart em La Coruña e foi convidado como maestro do coro no Devlet Opera ve Balesi, em Istambul. Mantém colaborações com o Coro Sainte-Thérèse de Martinica e com o Spaziomusica em Orvieto. Dirigiu concertos com orquestra em vários países, em três continentes, e foi premiado no concurso internacional de direção orquestral da Osesp em São Paulo, em 2006. Como pianista acompanhador, atuou em concertos notáveis, incluindo apresentações no Japão, em 2005, e nos Açores, em 2018.



© BRUNO FRANGO

Giampaolo Vessella

*Direção musical e maestro titular
do Coro do Teatro Nacional de São Carlos*

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro «Euphonia», em Carbonate, do qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro «Euphonia» foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico «Corale Arnatese» e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, da qual foi membro do Comité Artístico. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.



© BRUNO SIMÃO

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou marcantes êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e *Concerto Henze/Corghi* (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.





Gioachino Rossini

Quartetto pastorale

*L'Asia in faville è volta
combattono i possenti,
sol tra pastori e armenti
discordia entrar non sa.
O care selve, o care
Stanze di liberta.
Non fia che ferro ostile
brillar fra noi si veda,
che non alletta a preda
la nostra poverta.
O care selve, o care
Stanze di liberta.
Tranquilli il sol ci lascia
Allor che si ritira,
tranquilli il sol ci mira,
si, quando retorno fa.
O care selve, o care
Stanze di liberta.*

A Ásia está em chamas,
os poderosos estão em guerra.
Só entre pastores e rebanhos
não entra a discórdia.
Ó caros bosques,
ó amado lugar de liberdade.
Que nunca as armas de ódio
entre nós refuljam,
pois a nossa pobreza
por ninguém é cobiçada.
Ó caros bosques,
ó amado lugar de liberdade.
O sol ao pôr-se
nos abandona em paz,
em paz nos encontra
quando nasce.
Ó caros bosques,
ó amado lugar de liberdade.



I gondolieri

*Voghiam sull'agil vela,
bello risplende il cielo,
la luna è senza velo,
senza tempesta il mar.
Vogar, posar sul prato;
al gondoliere è dato
fra i beni, il ben maggior.
Non cal se brilla il sole,
o mesta appar la luna,
ognor sulla laguna
il gondoliere è Re.*

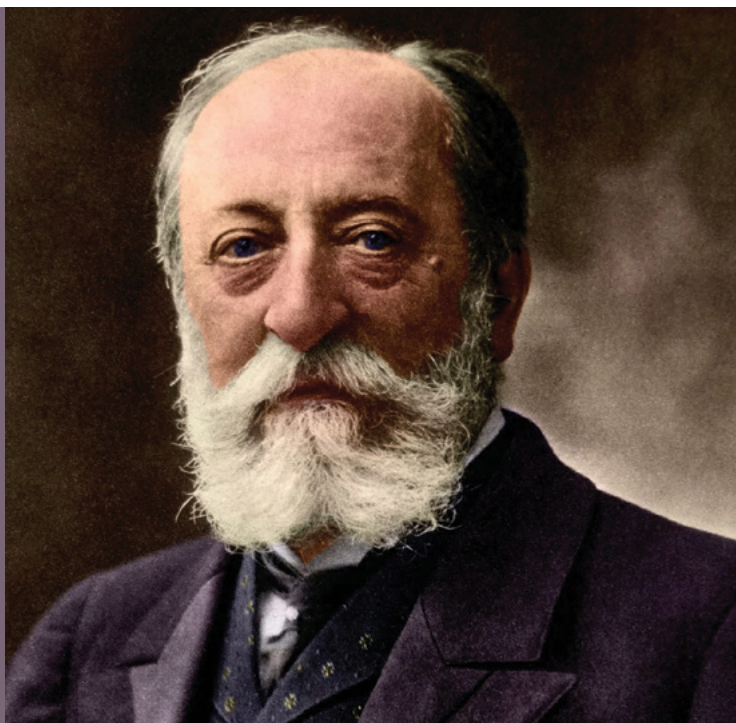
Rememos no barco veloz,
belo cintila o céu,
a lua está límpida,
sem tempestade o mar.
Passear, deitar-se na relva
É o maior dos bens
Oferecido ao gondoleiro.
Não importa se o sol brilha
Ou se triste surge a lua
Sempre sobre a lagoa
O gondoleiro é rei.

La passeggiata

*Finché sereno è il cielo,
límpida e cheta l'onda,
voghiam di sponda in sponda,
amor ne guiderà.
Al flutto, all'aura, ai fiori,
noi parlerem d'amor
e il palpito del core,
per lor risponderà.
Ma ciel! già fischia il vento,
S'increspa la laguna,
fischia il vento, presto!
rapidi il pie' moviam.
Ah! no, la luna appare,
vano timor fu solo,
in sí ridente suolo
cantiamo, sì cantiam.*

Desde que o céu esteja sereno,
límpidas e calmas as ondas
rememos de margem em margem,
o amor guiar-nos-á.
Falaremos de amor
às ondas, aos ventos, às flores
e o palpar do coração
por eles responderá.
Mas céus! Já sopra o vento,
encrespam-se as águas,
sopra o vento, depressa!
afastemo-nos rapidamente.
Ah! não, surge de novo a lua,
foi apenas um susto,
em tão agradável solo
cantemos, sim cantemos.

Camille Saint-Saëns



Deux choeurs, Op. 68

1. Calme des nuits

*Calme des nuits, fraîcheur des soirs,
Vaste scintillement des mondes,
Grand silence des antres noirs
Vous charmez les âmes profondes.
L'éclat du soleil, la gaieté,
Le bruit plaisent aux plus futiles ;
Le poète seul est hanté
Par l'amour des choses tranquilles.*

2. Les fleurs et les arbres

*Les fleurs et les arbres,
Les bronzes, les marbres,
Les ors, les émaux,
La mer, les fontaines,
Les monts et les plaines
Consolent nos maux.
Nature éternelle,
Tu sembles plus belle
Au sein des douleurs!
Et l'art nous domine,
Sa flamme illumine
Le rire et les pleurs.*

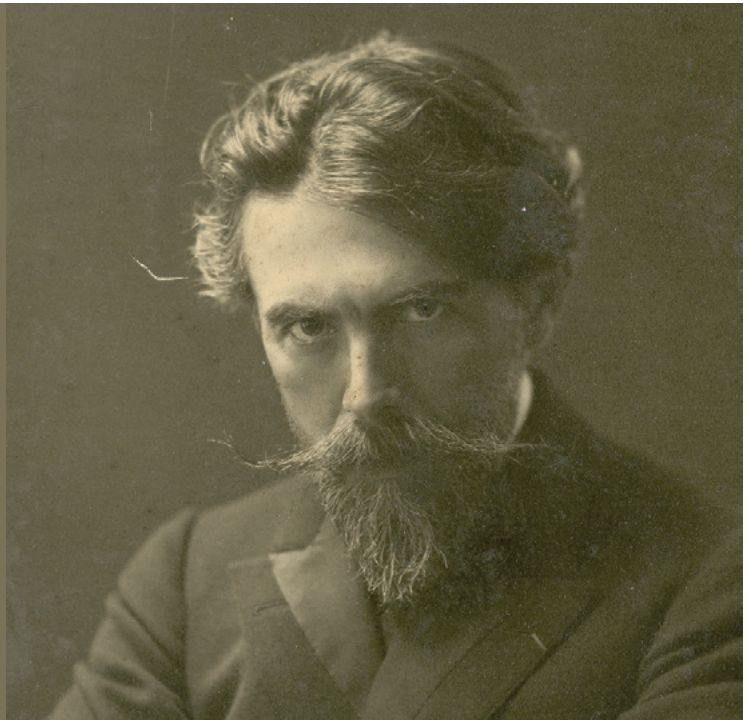
1. Calma das noites

*Calma das noites, frescura das tardes,
Vastos mundos cintilantes,
Grande silêncio das negras cavernas,
Vós encantais as almas profundas.
O bilho do sol, a alegria,
O ruído agradam aos fúteis;
O poeta é apenas assombrado
Pelo amor das coisas tranquilas.*

2. Flores e árvores

*Flores e árvores,
Bronzes, mármore,
Ouros, esmaltes,
Mar, fontes,
Montes e planícies
Consolam nossos males.
Natureza eterna,
Pareces mais bela
No meio da dor!
E a arte domina-nos.
Sua chama ilumina
O riso e o choro.*

Francisco de Lacerda



Amar

Amar e ser amado, que ventura!
Não amar, sendo amado, é um triste horror:
mas na vida há uma noite mais escura,
é amar alguém que não nos tenha amor!

Luís de Freitas Branco



Sonetos de Luís Vaz de Camões

Doces lembranças de passada glória,

Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz um' hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.

Impressa tenho n'alma larga história
Deste passado bem, que nunca fôra;
(Ou fôra, e não passara); mas já agora
Em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças, morro de esquecido,
De que sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente.

Oh! Quem tornar pudera a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer sobera o mal presente.

Qual tem a borboleta por costume,

Que, enlevada na luz da acesa vela,
Dando vai voltas mil, até que nela
Se queima agora, agora se consume;

Tal eu correndo vou ao vivo lume
Desses olhos gentis, Aónia bela;
E abraço-me, por mais que com cautela
Livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista,
O quanto se levanta o pensamento,
O como vou morrendo claramente.

Porém, não quer amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
Qual em glória maior, está contente.

No mundo poucos anos e cansados

Vivi, cheios de vil miséria e dura:
Foi-me tão cedo a luz do dia escura
Que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados,
Buscando à vida algum remédio ou cura:
Mas aquilo que, enfim, não dá Ventura,
Não o dão os trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e cara
Pátria minha Alenquer; mas ar corrupto,
Que neste meu terreno vaso tinha,

Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar, que bates a Abássia fera e avara,
Tão longe da ditosa pátria minha.

Num bosque que das Ninfas se habitava,

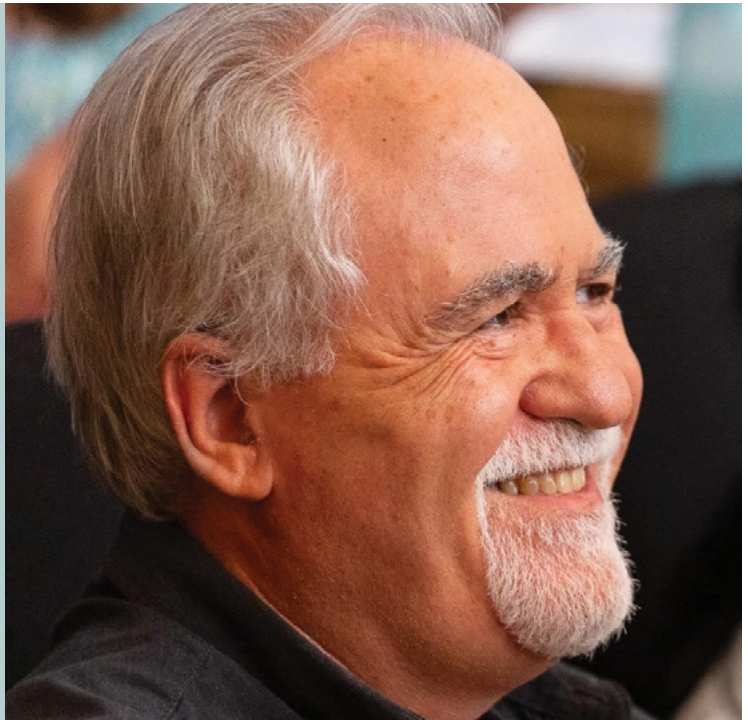
Sibela, Ninfa linda, andava um dia;
E subida em uma árvore sombria,
As amarelas flores apanhava.

Cupido, que ali sempre costumava
A vir passar a sesta à sombra fria,
Em um ramo o arco e setas que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.

A ninfa, como idóneo tempo vira
Para tamanha empresa, não dilata,
Mas com as armas foge ao Moço esquivo.

As setas traz nos olhos, com que tira.
Ó pastores, fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

Eurico Carrapatoso



Songs of Innocence (1789) William Blake (1757 - 1827)

I – Introduction

*Piping down the valleys wild,
Piping songs of pleasant glee,
On a cloud I saw a child,
And he laughing said to me:*

*“Pipe a song about a Lamb!”
So I piped with merry cheer.
“Piper, pipe that song again;”
So I piped: he wept to hear.*

*“Drop thy pipe, thy happy pipe;
Sing thy songs of happy cheer!”
So I sung the same again,
While he wept with joy to hear.*

*“Piper, sit thee down and write
In a book, that all may read.”
So he vanished from my sight,
And I plucked a hollow reed,*

*And I made a rural pen,
And I stained the water clear,
And I wrote my happy songs
Every child may joy to hear.*

I – Introdução

Toco a gaita vale abaixo,
Toco cantos de alegria,
Um menino em nuvem acho.
E ele rindo me alicia.

Toca um canto sobre um Anho:
Então toco a divertir,
Tocador um canto mais —
Então toco, el’ chora a ouvir.

Deixa a gaita a leda gaita
Canta o canto a divertir,
Então canto uma vez mais
E ele chora alegre a ouvir.

Senta-te a escrever gaiteiro
Livro que hão-de todos ler —
Some à vista mui ligeiro.
E oca cana eu vou colher.

E eu fiz rústica uma pena,
E eu tingi a água clara,
E eu escrevi alegres cantos,
Que criança ouvir amara.

II – The Echoing green

*The Sun does arise,
And make happy the skies.
The merry bells ring,
To welcome the Spring,
The sky-lark and thrush,
The birds of the bush,
Sing louder around,
To the bells chearful sound,
While our sports shall be seen
On the Echoing Green.*

*Old John with white hair
Does laugh away care,
Sitting under the oak,
Among the old folk.
They laugh at our play,
And soon they all say,
Such, such were the joys,
When we all, girls & boys,
In our youth time were seen,
On the Echoing Green.*

*Till the little ones weary
No more can be merry
The sun does descend,
And our sports have an end:
Round the laps of their mothers,
Many sisters and brothers,
Like birds in their nest,
Are ready for rest:
And sport no more seen,
On the darkening Green.*

II – A Ecoante Verdura

O Sol já levanta,
E os céus logo encanta.
Toca o sino gaio
Para acolher Maio.
Tordo e cotovia,
Que no bosque havia,
Cantam altos trinos,
Ao jovial som dos sinos.
Nosso jogo perdura
Na Ecoante Verdura.

Velho John das cãs
Rindo arreda afãs,
Sob o roble assente,
Entre a idosa gente.
Riem deste jogo.
Todos dizem logo
Nos tempos remotos,
Garotas & garotos,
Era assim a ventura,
Na Ecoante Verdura.

Os miúdos cansados
Não estão já folgados
O sol vai baixando,
Nossos jogos findando:
Rondam colo de mães,
Os irmãos e as irmãs,
Como aves no ninho,
Prontos p'ra o soninho:
Já o jogo não dura,
Na escureta Verdura.

Quatro cantos do mundo

N.º 1 – Ásia (Ramelau – Timor)

*Lilo eh! Lilo na noi leki tae oh.
Male'on fa fetu manu
Xiku fá fun tá; Hele lé ole lá oh!*

A jovem moçoila estava solteira.
O homem que vi casar com ela
Não tem nem uma pena de gallo!

N.º 2 – América (Maranhão – Brasil)

Ela!
(A pedido)

Ela! Quanto é bela, essa donzela,
A quem tenho rendido o coração!
A quem votei minh'alma, a quem meu peito
Num êxtase de amor vive sujeito...
Seu nome!... não – meus lábios não dirão!

Ela! minha estrela, viva e bela,
Que ameiga meu sofrer, minha aflição;
Que transmuda meu pranto em mago riso.
Que da terra me eleva ao paraíso...
Seu nome!... Oh! meus lábios não dirão!

Ela! virgem bela, tão singela
Como os anjos de deus. Ela... oh! não,
Jamais o saberá na terra alguém,
De meus lábios, o nome que ela tem...
Que esse nome meus lábios não dirão.

N.º 3 – África (Bié – Angola)

*Tussyvay Ñgala Jusu
Kumne lo vangelo,
Y'aleluya!*

Louvemos o Senhor Jesus grandioso
Com o Evangelho,
Aleluia!

N.º 4 – Todo o Alentejo deste mundo

Ó Serpa, pois tu não ouves
Os teus filhos a cantar,
Enquanto os teus filhos cantam,
Tu, Serpa, deves chorar.
Aqui tens meu coração,
Se o queres matar, podes;
Olha que estás dentro dele,
Se o matas, também morres.



Com o encerramento ao público do Teatro Nacional de São Carlos para obras de Conservação e Restauro, Requalificação e Modernização no âmbito do PRR — Plano de Recuperação e Resiliência, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos sobem a outros palcos nacionais. Uma viagem musical que percorrerá o país ao longo dos próximos meses, com a ambição e o rigor de sempre, e o objetivo de divulgar a música, a ópera e o património musical português.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO OPART

Conceição Amaral · *Presidente*

Rui Morais · *Vogal*

Sofia Menses · *Vogal*

COMISSÃO ARTÍSTICA DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Maestro João Paulo Santos · *Coordenação*

Maestro Antonio Pirolli

Maestro Giampaolo Vessella

PARCEIROS DA VIAGEM DOS *MADRIGAIS CAMONIANOS*



A viagem começa agora.



Venha connosco!

PORTO · PENAFIEL · TORRES NOVAS
CALDAS DA RAINHA · ALVERCA · MAFRA
SINTRA · QUELUZ · LISBOA · MONTIJO

DE SETEMBRO A DEZEMBRO